

Editorial: *Humanon Sense*

É com prazer que convido nossos leitores ao mergulho no mundo *non sense* das Humanidades, por meio das reflexões das colegas autoras e dos colegas autores, como para a entrada num país das maravilhas no qual cada um deve decidir o que “comer e beber”, apesar das indicações; quais arautos seguir, se o coelho com relógio, se um chapeleiro maluco ou se a lagarta com suas sábias palavras.

Ser Humano exige esforço para aceitar crescer e, por vezes, encolher, por exigências externas, tal como a personagem do texto literário citado nestas entrelinhas, além é claro de conviver com o fato de que a loucura é companhia certa das elucubrações humanas. Assim, sugerimos que apreciem, se desejarem, o chá.

Este número da Revista de Ciências Humanas da UNITAU, referente ao segundo semestre de 2010, inicia-se com um artigo/ensaio filosófico de autoria de Fabrina Moreira, mestre em Filosofia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC/SP; seu texto “Aspectos da História Natural no segundo discurso de J-J Rousseau: possibilidades e condições” aponta para uma reflexão instigante a respeito da Humanidade e suas características; em seu ensaio/artigo ela pondera e argumenta a partir da obra do literário suíço Jean Starobinski. Ao analisar elementos da obra de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, naturalista, matemático e escritor francês, a autora percebe que, como afirma Starobinski, ele influenciou os escritos de Jean-Jacques Rousseau, filósofo genebrino, escritor, teórico político e compositor autodidata. Fabrina nos propõe assim, de forma breve e pontual, refletir sobre a Humanidade, enquanto espécie única e também diversa, singular. Por meio desse texto, está dado o mergulho ou o tombo pelo sem fim de questionamentos que sondam o Humano.

O segundo texto da revista, intitulado “O papel da linguagem no pensamento de Heidegger”, é um artigo/ensaio filosófico de autoria da professora Viviane Dantas, que atua no Instituto de Humanidades da UNITAU. A autora apresenta as relações entre linguagem e pensamento, na visão do filósofo Martin Heidegger; reflete, de maneira competente, a respeito das relações por ele estabelecidas entre a linguagem poética e a filosofia. Além disso, Viviane comenta a perspectiva heideggeriana do fim da Metafísica e do esquecimento do Ser; em favor do Ente, esquecimento esse que definiu o homem como animal racional, afastando-o de sua essência original, transformando-o posteriormente em sujeito do conhecimento. Por meio desse ensaio, refletimos sobre a Palavra, o arauto da lagarta com suas palavras a nos conduzir, como conduziu a personagem Alice ao encontro de seu

Ser, mergulhados que estamos dessa questão humana.

Contamos ainda com uma Resenha, de autoria do professor Dr. Ênio José da Costa Brito, que atua na Faculdade de Ciências Sociais, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Mestrado e Doutorado, da PUC/SP. A Resenha, a respeito da obra “Os que voltaram” A história dos retornados brasileiros na África Ocidental no século XIX (2007), de Alcione Meira Amos, salienta a importância deste livro, que relata resultados de pesquisa sobre o retorno de africanos e afro-brasileiros que estabeleceram uma conexão entre o Brasil e a África Ocidental. Segundo professor Dr. Ênio José da Costa Brito, que é também pesquisador da cultura brasileira e suas matrizes – indígenas, africanas e européias – o livro aponta que os retornados levaram a língua e a cultura adquirida no Brasil e exerceram influência no campo sócio-político-religioso na África. De acordo com ele, a leitura do livro surpreende com a valiosa documentação apresentada, com a cuidadosa reconstrução da vida de inúmeras famílias, com os relatos da constituição de comunidades afro-brasileiras em quatro países da África ocidental.

Não se pode perder tempo, como dizia o coelho, alertando Alice sobre a necessária atenção que devemos dispensar ao Tempo, nessa Resenha afirma-se a importância de aprender com o tempo passado, de analisar seus efeitos sobre o tempo presente e assim não descuidar do futuro. Como o relógio a nos alertar, nos despertar.

Neste breve tempo, segue o coelho convocando:

“– É tarde!!”

E, atendendo aos imperativos do tempo, de modo tardio segue o chá.

Boa leitura!

**Prof. MS. Cristiane Moreira Cobra**